

DANTAS, LUÍS MARTINS DE SOUSA

*diplomata; emb. Bras. Itália 1919-1922; emb. Bras. França 1922-1943.

Luís Martins de Sousa Dantas nasceu no Rio de Janeiro, então capital do Império, em 17 de fevereiro de 1876, filho de Manuel Pinto de Sousa Dantas Filho e de Maria Luísa Martins de Sousa Dantas. Seu avô paterno, Manuel Pinto de Sousa Dantas, exerceu importantes cargos políticos no Império, tendo sido deputado de 1857 a 1868, conselheiro de Estado a partir de 1879 e presidente do Conselho de Ministros no biênio 1884-1885. Chefe parlamentar do abolicionismo, foi também autor do projeto que serviu de base à Lei Saraiva-Cotegipe, que, promulgada em 1885, determinou a emancipação dos escravos sexagenários. Seu pai ocupou, entre outros, os cargos de presidente das províncias do Paraná, de 1879 a 1880, e do Pará, de 1881 a 1882, e foi diretor-geral do Tesouro Nacional de 1882 a 1890; após a proclamação da República, ingressou na carreira diplomática, exercendo as funções de cônsul do Brasil em Genebra, Lisboa e Antuérpia. Seu tio, Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas, foi deputado a partir de 1878 e ministro do Império em 1882 no gabinete de Martinho de Campos; em 1891, já na República, fundou, junto com Joaquim Nabuco, o *Jornal do Brasil*. Seu primo, Marcos de Sousa Dantas, foi presidente do Conselho Nacional do Café em 1932, presidente do Banco do Brasil no biênio 1953-1954 e diretor da Superintendência da Moeda e do Crédito de 1958 a 1960.

Luís Martins de Sousa Dantas bacharelou-se em ciências e letras no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e formou-se pela Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro em 1896.

Em janeiro de 1897 começou a carreira diplomática como adido à legação brasileira em Berna, na Suíça. Promovido a segundo-secretário, foi enviado em março de 1900 a São Petersburgo, na Rússia, e transferido dois anos mais tarde para Roma, onde permaneceu até julho de 1908. Nesse ano, foi promovido a primeiro-secretário e transferido em outubro para Buenos Aires, onde exerceu a função de encarregado de negócios. Em junho de 1912 foi elevado a ministro-residente, por merecimento. Regressou ao Rio de Janeiro em maio de 1916 para exercer o cargo de subsecretário de Estado, assumindo, no mês seguinte, a chefia interina do Ministério das Relações Exteriores em virtude da visita do titular da pasta, Lauro Müller, aos Estados Unidos.

Em setembro de 1917, às vésperas da declaração de guerra do Brasil contra a Alemanha,

Sousa Dantas foi enviado novamente para Roma, onde fez amizade com vários escritores e artistas, entre os quais o poeta Gabriele D'Annunzio. Transferido em junho de 1919 para Bruxelas, foi promovido a embaixador, e no final do ano retornou a Roma. Nesse posto, instalou a sede da missão brasileira no histórico palácio Doria-Pamphili e inaugurou a Câmara de Comércio Ítalo-Brasileira.

Em dezembro de 1922 assumiu a chefia da embaixada brasileira em Paris, e em outubro do ano seguinte viajou a Genebra para representar o Brasil na Conferência de Imigração e no Conselho Executivo da Liga das Nações, missão que lhe foi novamente confiada em 1924 e 1926. Durante sua longa permanência como embaixador na França, presidiu diversas manifestações culturais e artísticas, particularmente após 1931, quando se tornou decano do corpo diplomático. Após a invasão da França pelas tropas alemãs em junho de 1940, transferiu-se para Vichy, capital do governo colaboracionista chefiado pelo marechal Pétain na chamada “zona livre” do país. A partir de então, ajudou muitos franceses, principalmente judeus, a escapar das perseguições desencadeadas pelos nazistas, obtendo-lhes passaportes brasileiros. Em 1941, por ter atingido o limite de idade — 65 anos — foi aposentado do serviço diplomático por decreto presidencial e permaneceu aguardando no posto a escolha de seu substituto.

Em agosto de 1942 o Brasil declarou guerra às potências do Eixo. Em novembro seguinte, com a França já ocupada, Sousa Dantas tentou resistir à invasão do prédio da embaixada brasileira pelos alemães, sendo preso em janeiro do ano seguinte e internado junto com outros diplomatas brasileiros em Bad Godesberg, na Alemanha. Sua libertação e a de outros diplomatas brasileiros em 1944 foi negociada pelos norte-americanos através do governo suíço, sendo acordado que eles seriam trocados por súditos alemães que se encontravam detidos no Brasil. Desde meados do ano anterior, o então primeiro-ministro de Portugal, Antônio de Oliveira Salazar, vinha realizando gestões para a soltura dos brasileiros, sem conseguir êxito. O que de fato Salazar conseguiu foi antecipar a saída dos prisioneiros de Bad Godesberg e abrigá-los em Lisboa, onde eles aguardaram a chegada dos alemães provenientes do Brasil. De volta ao Rio de Janeiro, Sousa Dantas foi recebido com grandes homenagens.

Regressou a Paris ainda em 1944, logo após a libertação da cidade. Fixou residência na capital francesa e nela faleceu em 16 de abril de 1954.

Era casado com Elisa Meyer de Sousa Dantas.

Publicou em Paris um pequeno trabalho sobre as relações culturais entre a França e os países latino-americanos, intitulado *Les nations américaines et M. Gabriel Hanotaux*.

Paulo Brandi

FONTES: CONSULT. MAGALHÃES, B.; *Diário de Notícias*, Rio (18/4/1954); GUIMARÃES, A. *Dicionário*; MIN. REL. EXT. *Almanaque* (1941); MIN. REL. EXT. *Anuário*; *Tribuna da Imprensa* (14/5/1954).